

Breves apontamentos sobre a concepção de História no pensamento de Élisée Reclus*

*Eduardo Augusto Souza Cunha***

Resumo: Nas últimas três décadas, houve um aumento considerável de estudos – tanto no Brasil como fora – sobre a vida e o pensamento do geógrafo e anarquista Élisée Reclus (1830-1905). Grande parte das pesquisas concentrou-se sobre as suas contribuições teóricas e metodológicas para a Geografia. Embora o fato desta disciplina ser a principal preocupação de Reclus, o autor estabeleceu ao longo da sua obra fecundas discussões relacionadas a outras ciências humanas. Nosso intuito é abordar as reflexões de Reclus sobre a teoria e a escrita da História, compreendendo como parte do seu pensamento geográfico e político.

Abstract: Over the past three decades, there was a growth in the number studies on life and work of the geographer and anarchist Élisée Reclus (1830-1905). The most part of the researches was concentrated on his theoretical and methodological contributions to Geography. Although this subject is the main intellectual preoccupation of Reclus, throughout his work he developed fecund discussions related to others human sciences. Our objective is approaching the Reclus's reflections on the theory and the writing of History with the notion that it is a part of his geographic and political thought.

Desde cima, em suas relações com o Homem, a Geografia nada mais é que a História no espaço, assim como a História é a Geografia no tempo.

Élisée Reclus¹

Por muito tempo, o nome de Élisée Reclus (1830-1905) foi conhecido somente entre os meios anarquistas e ignorado pelos geógrafos, representando uma grande desproporção ao papel que Reclus teve nesta disciplina. Seu nome praticamente desapareceu da geografia após a sua morte e até hoje, na maioria das vezes em que são

* Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo, São Paulo: 11 a 14 de novembro de 2013 (<https://cienciaeanarquismo.milharal.org/>). Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

** Membro da Biblioteca Terra Livre e aluno de Graduação em História pela FFLCH/USP. E-mail: eduardo.cunha@usp.br.

¹ RECLUS, Eliseo. *El hombre y la tierra*. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s/d. Tomo I, p. 4.

citados os principais nomes fundadores da Geografia Moderna aparecem Alexander von Humboldt (1769-1859), Karl Ritter (1779-1859), Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de la Blache (1845-1918), mas nada de Élisée Reclus. Um paradoxo, pois Reclus, no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, era mundialmente considerado um dos maiores geógrafos pelos seus pares, que na maioria defendiam ideias políticas opostas às aquelas defendidas por Reclus.

Um exemplo desta situação foi quando visitou o Brasil. Foi recebido pelo Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, por Eduardo Prado, na época um dos maiores cafeicultores do Oeste Paulista e, após sua volta pela Europa, teve um livro publicado no Brasil, com revisão do Barão de Rio Branco e é convidado pela Academia Brasileira de Letras para ser membro estrangeiro da instituição. Em suma: a notoriedade científica de Élisée Reclus em vida era reconhecida até por acadêmicos, aristocratas e cafeicultores, grupos muito distantes ideologicamente de Reclus.²

Nos meios acadêmicos da Geografia, Reclus somente é redescoberto no último quartel do século XX, sobretudo a partir da pesquisa de Béatrice Giblin e Yves Lacoste. Estes pesquisadores franceses dedicaram em 1981 um número inteiro da revista *Hérodote* somente a Reclus, debruçando-se nas bases do seu pensamento e nos motivos do seu escamoteamento da geografia institucional. Desde então, inúmeros estudos relevantes vem abordando a contribuição de Élisée Reclus para a Geografia. No Brasil, o interesse em Élisée Reclus tem aumentado nos últimos anos. Uma evidência deste interesse é o crescente número de publicações de livros de sua autoria e sobre seu pensamento, além da realização, em 2011, de um colóquio universitário dedicado à sua vida e obra.³

² Ver MIYAHIRO, Marcelo. *A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República*. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 09 a 12 de Novembro de 2009. São Paulo: Universidade de São Paulo.

³ A partir de um rápido levantamento para este trabalho, encontramos apenas quatro edições publicadas no Brasil a respeito ou de autoria de Élisée Reclus entre 1900 e 2002: *Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia, estatística*, publicado pela editora H. Garnier, do Rio de Janeiro em 1900; *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*, traduzido e publicado por Neno Vasco, militante anarquista português em 1904; *Élisée Reclus*, o volume 49 da Coleção Grandes Cientistas Sociais, publicado pela Editora Ática em 1985, reunião de textos de Élisée Reclus selecionados e organizados por Manuel Correia de Andrade e uma nova edição de *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*, publicado pela Editora Imaginário em 2002. O contraste fica evidente ao compararmos a produção editorial dos últimos cinco anos, quando foram publicados 15 títulos de ou sobre Reclus. Foram publicados 13 livros com textos de Élisée Reclus, sendo 11 pela Editora Imaginário (em 2009, *Renovação de uma cidade/Repartição dos homens, Da ação humana na geografia física/Geografia comparada no tempo e no espaço*; em 2010, *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas, As repúblicas da América do Sul. Suas guerras e seu projeto de federação, O Homem e a Terra - A cultura e a propriedade, O Homem*

Todavia, essas pesquisas recentes abordaram escassamente a relação do pensamento de Reclus com outras áreas das Ciências Humanas, como a Antropologia e a História. Nestas áreas os estudos de Élisée Reclus podem ser relevantes para incitar debates teóricos e metodológicos. Em relação à antropologia, sobretudo em *A Nova Geografia Universal*⁴ e *O Homem e a Terra*⁵, o autor apresenta estudos sobre povos não-europeus, buscando entendê-los não como inferiores mas diferentes, dotados de especificidade cultural. Vale lembrar que seu irmão Élie Reclus (1827-1904), frequente companheiro de pesquisas e de atuação política, se debruçou nesses estudos com maior profundidade.⁶

Porém, os possíveis aportes dos irmãos Reclus para a Antropologia não serão tratados neste trabalho. O que pretendemos, neste estudo, é abordar a contribuição do pensamento de Élisée Reclus para o estudo da História. Como veremos, apesar de não ser o centro das suas atenções, para o autor a História era imprescindível para a compreensão da Geografia. Portanto Reclus dedicou-se a refletir sobre a dinâmica da História e como o passado agia sobre o presente.

Antes de tudo, faremos um esboço biográfico de Élisée Reclus, compreendendo o indivíduo em seu tempo para melhor compreender suas ideias. Em seguida, discorreremos sobre as bases do seu pensamento geográfico e como este se relaciona com a sua concepção de História. Está longe da pretensão deste estudo querer estabelecer uma “teoria” ou um “método” reclusiano para a História, mas sim levantar alguns elementos para iniciar um debate sobre a relação entre anarquismo e ciência, particularmente na área da ciência histórica.

Élisée Reclus, anarquista e cientista

e a Terra - O Estado Moderno, O Homem e a Terra – A Educação; em 2011, *O Homem e a Terra - A indústria e o comércio, O Homem e a Terra - Internacionais, O Homem e a Terra - Progresso, O Brasil e a colonização*), um pela Biblioteca Terra Livre (*Escritos sobre educação e geografia*, de 2011) e um pela Editora Hedra (*A anarquia pela educação*, do mesmo ano). Sobre Reclus, um livro foi publicado pela Editora Imaginário (*Élisée Reclus e a geografia das liberdades*, de 2011) e outro publicado em co-edição pela Biblioteca Terra Livre e a Editora Negras Tormentas (*Élisée Reclus: retratos de um anarquista*, também de 2011). O evento citado trata-se do *Colóquio Internacional Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo*. É possível acessar as memórias do evento neste link: <http://reclusmundusnovus.wordpress.com/memorias/>

⁴ *Nouvelle Géographie Universelle*, publicado entre 1876 e 1894.

⁵ *L'Homme et la Terre*, publicado entre 1905 e 1908.

⁶ Ver RECLUS, Elias. *Los Primitivos*. Buenos Aires: Editorial Semca, 1946.

Emílio Costa, militante anarquista português, ao escrever sobre Élisée Reclus em razão do centenário do seu nascimento observou que “os 75 anos da sua vida decorrem entre duas datas marcantes na história da evolução política e social da Europa. Nasce em 1830, poucos meses antes da Revolução de Julho, que destronou Carlos X [...]. Morre em 1905, ano da primeira revolução russa.”⁷ Essas datas demonstram o contexto de intensa agitação política no qual Reclus não apenas presenciou, mas participou ativamente.

Reclus, de criação protestante, ainda jovem se interessa pelos estudos científicos, principalmente a partir do momento em que assiste as aulas de Karl Ritter em Berlim. Esta curiosidade logo entra em conflito com sua formação ao sacerdócio e Reclus opta pelo primeiro caminho. O que colabora para seu questionamento dos preceitos teológicos é também o contexto político de 1848, muito impactante para Élisée e também seu irmão Élie Reclus e também marca o início da vida política ativa de ambos.⁸

Em 1851, após o golpe de Estado de Luís Napoleão, proclamando-se imperador Napoleão III, os irmãos Reclus estavam em Orthez e se organizam para evitar o apoio local ao golpe, sem êxito. Temendo sofrer represálias pelo governo recém-constituído, Élisée muda-se para a Irlanda. Com essa viagem, inicia-se uma jornada de seis anos, na qual Reclus viaja para Irlanda, Estados Unidos e Nova Granada (atual Colômbia). A pluralidade de experiências propiciada por essas viagens marca profundamente sua visão de mundo, tornando-se mais crítica e politizada, ao tomar contato com a miséria irlandesa causada pela dominação inglesa e com o escravismo do Mississippi, por exemplo. Outra consequência será o despertar do seu interesse pela Geografia.

Quando retorna à França, em 1857, passa a viver da sua escrita, sobretudo pelos seus textos sobre os países que visitou. Passa a se dedicar aos estudos geográficos e, com o passar do tempo, destaca-se e ganha mais público, sendo reconhecido como escritor e geógrafo. Escreve para revistas prestigiadas do seu tempo, como *Revue des Deux Mondes* e *Revue politique et littéraire*. Ingressa na Sociedade Geográfica de Paris

⁷ COSTA, Emílio. Élisée Reclus. In.: KROPOTKIN, Piotr et al. *Élisée Reclus: Retratos de um anarquista*. São Paulo/Santo André: Biblioteca Terra Livre/Edições Negras Tormentas, 2011. p. 34.

⁸ Os dados biográficos de Élisée Reclus aqui apresentados foram retirados de ANDRADE, Manuel Correia de. Introdução. In.: _____ (org.). *Élisée Reclus*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, volume 49. São Paulo: Editora Ática, 1985. Quando houver outras fontes sobre a biografia de Reclus no decorrer do texto, as respectivas referências serão citadas.

em 1862 e sete anos depois, publica sua primeira grande obra geográfica, *La Terre – description des phénomènes de la vie du globe*.

Ao mesmo tempo em que se dedica à pesquisa geográfica, Élisée Reclus, junto com o seu irmão Élie, passam a dedicar suas energias para atuação política. Em 1864 conhecem Mikhail Bakunin, que neste momento começava a formar uma sociedade secreta para reunir socialistas revolucionários por toda a Europa. No ano seguinte, os irmãos Reclus entram para esta organização, chamada de *Fraternidade Internacional*. Em 1867, Élie e Élisée participam da fundação da *Liga pela Paz e pela Liberdade*, organização antibelicista que reunia republicanos, liberais e socialistas de cunho moderado e revolucionário, agrupando nomes famosos como Stuart Mill, Victor Hugo, Giuseppe Garibaldi, Louis Blanc, Mikhail Bakunin, além dos já citados irmãos Reclus.

Porém, essa organização é vista pelos membros da *Fraternidade* como essencialmente burguesa. O último intento dos irmãos Reclus, Bakunin e companhia foi apresentar uma tese claramente socialista revolucionária – defendendo, entre outras coisas, o federalismo radical e o combate a todas as religiões – no segundo Congresso, ocorrido em 1868 na cidade de Berna. Como eles mesmos já esperavam, a tese foi rechaçada, restando ao grupo sair da *Liga*. Em seguida, fundam outra organização, a *Aliança da Democracia Socialista* (ADS), juntamente com Albert Richard, Aristide Rey, Victor Jaclard, entre outros. Com objetivos semelhantes aos da *Fraternidade*, a organização faz um pedido de ingresso à *Associação Internacional dos Trabalhadores* (AIT). Porém, o Conselho Geral não aceita, alegando que os estatutos da organização não permitem a existência de qualquer outro grupo no seio da AIT. Portanto, para entrar na AIT, a ADS é extinta e todas suas células e sua estrutura é transferida para a AIT.

Dentro da AIT, os irmãos Reclus junto com os demais membros da ADS, participam ativamente da corrente coletivista. Em oposição ao comunismo (difundido sobretudo entre as seções alemãs e inglesas), que tinha como figuras de maior destaque Karl Marx e Friedrich Engels, e defendia o centralismo organizativo (sendo o Conselho Geral o órgão que ocuparia, na visão destes, o papel central), o coletivismo desenvolve-se entre as seções francesas, belgas, suíças, italianas e, após 1868, espanholas. O coletivismo defendia que a função da AIT era contribuir na organização da classe operária para a luta econômica e para que ela se autocapacite para gerir os meios de produção sem a necessidade de patrões. Em contraste, os comunistas defendiam a organização da classe operária para a luta política com a AIT tendo o papel de organizar

o proletariado em partidos políticos nacionais, para que assim conquistassem o poder político.⁹

Em 1871, com a eclosão da Comuna de Paris, Élisée e Élie terão participação ativa neste processo. Com o esmagamento da Comuna, Élisée é preso e a pena imputada é o degredo na colônia penal de Nova Caledônia. Com a mobilização de colegas militantes, que tiveram apoio de ilustres cientistas da época (demonstrando a relevância de Reclus nos meios científicos), sua pena é comutada para dez anos de exílio. Com isso, em 1872, Élisée Reclus se muda para a Suíça.

Neste momento, os tempos são outros. Por toda a Europa pós-Comuna de Paris (sendo a Suíça uma das poucas exceções), o movimento operário é duramente reprimido. Os militantes coletivistas são expulsos da AIT e o Conselho Geral da organização muda-se para Nova Iorque, motivado mais por interesses sectários do que organizativos. Os militantes expulsos, reunidos em um congresso no vale do Jura suíço, fundam outra Internacional, declaradamente federalista.

Simultaneamente a essas movimentações políticas, Élisée Reclus segue com sua atividade científica. O processo sofrido em consequência da sua participação na Comuna de Paris não destrói sua fama de geógrafo, apesar de coloca-lo sob certa desconfiança. Tanto que no mesmo ano em que se muda para a Suíça, a Editora Hachette – uma das maiores empresas do capitalismo editorial da época – fecha contrato com Reclus para uma obra ambiciosa: um estudo sobre a geografia de toda a Terra. Porém, a Hachette enfatiza que está contratando o geógrafo e não o anarquista. Prevista para ser publicada em dez volumes, a *Nova Geografia Universal* surge em dezenove volumes.

Para esta obra, Reclus viaja a vários países do mundo e estabelece vínculos com pesquisadores pelo mundo afora.¹⁰ Em suas viagens, aproveita para estreitar os vínculos com diversos militantes, sendo a figura central para a difusão do anarquismo em diversos países e, inclusive, o elemento aglutinador para o estabelecimento do

⁹ Sobre o coletivismo dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores e sua influência na Comuna de Paris, ver SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

¹⁰ Sobre o caso de Élisée Reclus e sua relação com outros pesquisadores da geografia da Colômbia na produção de *Nova Geografia Universal*, ver PALACIOS, David Alejandro Ramirez. *Élisée Reclus e a geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção*. Dissertação de mestrado defendida na FFLCH-USP em 22/09/2010. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

movimento anarquista em alguns lugares.¹¹ Ao decorrer da produção da *Nova Geografia Universal*, Élisée Reclus forma uma rede de colaboradores próximos, que apesar de não assinarem a obra, participam dela intensamente. Esta rede, em particular, é considerada como peça fulcral da formação do incipiente movimento anarquista.¹²

Após a conclusão desta obra, Reclus inicia os trabalhos para outra obra: *O Homem e a Terra*. Publicada em seis volumes, nesta obra Reclus se propõe a estudar a interação entre a Sociedade e a Natureza ao longo do tempo, desde os primórdios da Humanidade e até o seu tempo. Em *O Homem e a Terra*, Reclus publica de forma independente e, assim, não sofreu nenhum tipo de censura ou restrição na escrita do texto. Ao se debruçar sobre o desenvolvimento da humanidade, podemos encontrar grande parte da concepção de História de Reclus nesta obra.

Portanto, a partir destes dados biográficos, podemos perceber o papel central de Élisée Reclus na política e na ciência da Europa do seu tempo. Porém, é válido ressaltar que para Reclus essas duas instâncias não eram separadas. O fazer científico e a prática política, para ele, tinham um vínculo estreito. Assim, não é possível entendermos seu pensamento sem analisar sua vida e vice-versa.

A geografia social e as bases da concepção de História de Élisée Reclus

O período no qual Reclus produziu sua obra científica é geralmente descrito na História da Geografia como o embate entre duas visões: de um lado, o determinismo e de outro lado, o possibilismo. Porém, Élisée Reclus foge a esta dicotomia, construindo sua própria teoria geográfica, nomeada por ele de *geografia social*.

Em sua teoria, o autor parte do pressuposto da complexidade. Para Élisée Reclus, não é possível destacar um único fator que determina o espaço, nem analisá-los em separado, pois o espaço é resultante das interações e dos choques dos diversos elementos que o formam. Segundo o autor:

O meio é infinitamente complexo e o homem, por conseguinte, se encontra requisitado por milhares de forças diversas, que se movem em todos os sentidos,

¹¹ Por exemplo, o caso de Portugal ver VIEIRA, J. M. G. *A evolução anarquista em Portugal*. Lisboa: Seara Nova, 1975, pp. 27-33.

¹² Ver FERRETTI, Federico. *Evolução e Revolução: os geógrafos anarquistas entre a ciência e a militância*. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo, São Paulo, 11 a 14 de novembro de 2013.

unindo-se umas às outras, algumas diretamente, outras segundo ângulos mais ou menos oblíquos, ou opondo-se umas às ações das outras, reciprocamente.¹³

A partir da complexidade, Élisée Reclus compreende que o espaço pode ser divididos em dois níveis. O meio-espaço, constituído pela relação entre as ações humanas (suas conformações sociais, políticas, econômicas e culturais) e as forças da natureza (desde o clima até as correntes magnéticas, passando pela conformação do solo e a hidrografia, não se esquecendo até dos fluxos de energia solar). Desta reflexão sobre o meio-espaço, vale salientar a ligação feita por Reclus entre Natureza e Sociedade e, em consequência disso, Reclus não enxerga a divisão entre “Geografia Física” e “Geografia Humana”, divisão adotada com frequência por muitos geógrafos, pelo contrário, a sua geografia social tem como cerne a relação entre as duas esferas.

Ao lado do meio-espaço, Reclus afirma a necessidade de se pensar no meio-tempo. Para o autor, o espaço é fruto de uma evolução histórica de diversos processos e, deste modo, a compreensão do funcionamento do espaço no presente passa por entender como ele foi sendo formado no decorrer do passado. Afirma Reclus:

As migrações, os cruzamentos, as vizinhanças dos povos, o vaivém do comércio, as revoluções políticas, as transformações da família, da propriedade, das religiões e da moral, o aumento ou diminuição do saber são forças que modificam o ambiente e, ao mesmo tempo, influenciam sobre a parte da humanidade mergulhada nesse novo meio. Mas nada se perde: as causas antigas, embora atenuadas, ainda agem de modo secundário e o observador pode encontrá-las nas correntes ocultas do movimento contemporâneo, da mesma forma que a água, desaparecida do leito primitivo da superfície, volta a ser encontrada nas galerias das cavernas profundas.¹⁴

Dessa forma, apesar da História “agir de modo secundário”, ela possibilita a compreensão do espaço, entendido por Reclus como uma trama formada por diversos processos históricos de diferentes temporalidades. Por outro lado, a História para Reclus obedece aos mesmos pressupostos teóricos da sua geografia social. Assim, o autor estabelece o vínculo entre História e Geografia, presente em todos seus escritos, mas com maior ênfase em *O Homem e a Terra*.

¹³ RECLUS, Eliseo. *El Hombre y la Tierra*. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s/d. Tomo I, p. 106.

¹⁴ Idem, p. 108.

No prefácio desta obra, o autor constata que, da pluralidade de forças que formamos espaço e o tempo há três elementos constantes. O primeiro é o desenvolvimento em todas as sociedades humanas – exceto aquelas que permaneceram em estado de “naturismo primitivo”, usando o termo empregado pelo próprio autor – de diferentes grupos em condições sociais e econômicas desiguais, com o açambarcamento da riqueza social por uma minoria baseando-se na exploração e na dominação da maioria da sociedade. A estes grupos se dão o nome de classe ou castas, a depender do fenômeno.

O segundo elemento recorrente, consequência do primeiro, é a procura do reestabelecimento do equilíbrio social rompido, principal responsável pela criação de oscilações sociais. Enquanto que a minoria dominante e exploradora procura manter sua posição, a maioria dominada e explorada busca se libertar. Desta tensão ocorrem “as guerras civis, complicadas com guerras estrangeiras, massacres e destruições, em um enredo contínuo, finalizando diversamente, de acordo com o poder respectivo dos elementos em luta.”¹⁵ Portanto, a luta de classes dá movimento a diversas forças, e o choque e a interação entre elas condiciona o processo histórico, podendo acabar de distintas maneiras. Pode surgir um contexto de maior opressão ou de maior liberdade, a depender pra qual lado a soma das forças em jogo penderá. Ademais, esta afirmação é um exemplo do rechaço de Reclus a um devir determinado, quando afirma que a luta de classes tem um “final diverso” a depender do “impulso respectivo dos elementos em luta”, dessa forma rechaçando também uma história teleológica.

O terceiro fator presente em qualquer processo histórico e geográfico é a ação individual. Como afirma Reclus, “o equilíbrio das sociedades só é instável por causa da dificuldade imposta aos indivíduos em franca expansão” e, para o autor, todo fenômeno, seja ele histórico ou geográfico, tem como impulso os indivíduos, que através de sua ação e mobilização dão movimento ao tempo e ao espaço, concluindo: “é do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo.”¹⁶

Neste ponto, Reclus é criticado por alguns de seus comentadores, que apontam uma incoerência em conciliar a luta de classes e ação individual como pressupostos teóricos¹⁷. Porém, essa crítica ignora a matriz particular sob a qual Reclus interpreta a

¹⁵ Ibidem, p. III.

¹⁶ Ibidem, p. III-IV.

¹⁷ Ver ANDRADE, Manuel Correia de. Introdução. In.: _____ (org.). *Élisée Reclus*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, volume 49. São Paulo: Editora Ática, 1985. pp. 7-36.

relação indivíduo-coletivo, compartilhada pelos autores anarquistas da sua época. Para estes, indivíduo e coletivo não são esferas conflitantes, mas sim complementares. O indivíduo só se forma em contato com os demais, com os seus semelhantes, ou seja, no coletivo; e o âmbito coletivo tem como sua base o indivíduo. Indivíduo e o Coletivo se mesclam e são inseparáveis.¹⁸ Portanto, para uma melhor compreensão do pensamento de Reclus, cremos que é essencial buscar os diálogos intelectuais do autor, que influenciavam diretamente sua obra. A esta relação entre indivíduo e sociedade, o autor associa à outra existente entre dois termos, o local e o global. Segundo Reclus, seu tempo caracteriza-se como um período particular, pois trata-se do primeiro momento no qual todos os processos locais da humanidade podem se interagir, mesclando-se em processos mais amplos. Afirma o autor:

Desde as origens dos tempos, não parou de crescer a amplitude das oscilações e os mil ritmos locais se tem mesclado pouco a pouco em um ritmo mais amplo: às ínfimas alternâncias da vida das cidades, sucedem as oscilações mais gerais das nações, depois o grande equilíbrio mundial, fazendo vibrar toda a Terra e seus povos em um mesmo movimento. E, ao mesmo tempo que as voltas aumentam sua amplitude, outra palpitação se cumpre em sentido inverso, tomando cada indivíduo por centro e ordenando mais harmonicamente sua vida com os círculos mais extensos das cidades, das nações e do mundo.¹⁹

Em suma, Reclus sintetiza os três fatores que condicionam os processos históricos e geográficos: “A 'luta de classes', a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo são as três ordens de fato que nos revela o estudo da *geografia social*, e que, no caos das coisas, mostram-se bastante constantes para que se lhes possa dar o

¹⁸ Como corolário desse pensamento, a liberdade de cada um não termina quando se inicia a do outro, mas o contrário: a liberdade coletiva só acontecerá quando for garantida a plena liberdade individual e vice-versa. Como disse Bakunin: “Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres [...] A minha liberdade pessoal, assim confirmada pela liberdade de todos, estende-se até ao infinito.” BAKUNINE, Mikhail. *O conceito de liberdade*. Porto: Edições Rés, 1975. pp. 22-23. Semelhante visão sobre a relação entre indivíduo e coletivo está presente em Anselmo Lorenzo. Ver AHAGON, Vitor. *Anselmo Lorenzo e a tensão indivíduo e sociedade: Uma perspectiva anarquista*. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo, São Paulo, 11 a 14 de novembro de 2013.

¹⁹ RECLUS, Eliseo. Op.cit., pp. 331-332. O autor também aborda a interação dos processos locais e dos processos globais no texto em: RECLUS, Élisée. Algumas palavras de História. In.: _____. *As repúblicas da América do Sul. Suas guerras e seu projeto de federação*. São Paulo: Editora Imaginário, 2011.

nome de 'leis'.²⁰ Todavia, esses fatores, assim como as relações entre os meio-espço e meio-tempo, não devem ser analisados de maneira mecânica, pois como afirma Reclus:

[...] todas essas forças variam de lugar a lugar, de época a época: pois foi em vão que os geógrafos trataram de classificar, em uma ordem definitiva, a série dos elementos do meio que influenciam o desenvolvimento de um povo; os fenômenos múltiplos, entrecruzados da vida impossibilita enumerá-los em uma ordem metódica.²¹

A complexidade e suas “leis” se desenvolvem, de acordo com Reclus, sob o binômio de *evolução* e *revolução*. Inspirando-se no darwinismo, Reclus defende que a Terra e o Homem estão inseridos na dinâmica da evolução, isto é, em contínua mudança, que representa “o movimento infinito de tudo o que existe, a transformação incessante do Universo e de todas as suas partes desde as origens eternas e durante o infinito dos tempos.”²² Porém, em alguns momentos do seu curso, “por mínimas que sejam”, a evolução cede lugar à revolução, interpretada como um aceleração do ritmo dos processos históricos e geográficos, que deslocam e reorganizam as forças em questão. “Quando as antigas estruturas, as formas demasiado limitadas do organismo, tornam-se insuficientes, a vida desloca-se para realizar-se em uma nova formação. Ocorre uma revolução.”²³

Diferentemente, de muitos de seus colegas cientistas, que opunham um termo ao outro, afirmando que “a natureza não dá saltos”, para Élisée Reclus “a evolução e a revolução são dois atos sucessivos de um mesmo fenômeno, a evolução precedendo a revolução, e esta precedendo uma nova evolução, mãe de revoluções futuras.”²⁴ O autor relacionava estes termos tanto no plano epistemológico – ao analisar, por exemplo, a erupção de um vulcão, fruto tanto de um longo processo geológico como do movimento repentino do magma²⁵ – como no plano político – analisando a dinâmica da revolução

²⁰ RECLUS, Élisée. *Da ação humana na geografia física / Geografia Comparada no Espaço e no Tempo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2009, pp. 49-50.

²¹ RECLUS, Eliseo. *El hombre y la tierra*. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s/d. Tomo I, p. 110.

²² RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002, p. 21.

²³ Idem, p. 27.

²⁴ Ibidem, p. 25.

²⁵ Trata-se da erupção do Monte Etna em 1865, analisada em: RECLUS, Élisée. *La Sicile et l'éruption de l'Etna em 1865: récit de Voyage. Le tour du monde*, nº 388. Paris: Librairie Hachette, 1866. Comentários sobre esta análise de Reclus, ver: DUARTE, Regina Horta. *Natureza e sociedade, evolução e revolução*: a

social, resultante da somatória entre uma evolução de longa duração das ideias e das práticas subversivas e a explosão de revoltas e insurreições populares. Em suma, podemos observar que Reclus se apropria do evolucionismo, corrente científica em voga na sua época, porém ressignificando-o, ao não enxergá-lo como um processo acumulativo, acrescentando a não-linearidade (a partir da sua noção de revolução) dentro da Evolução.

Sua originalidade também é demonstrada ao não interpretar a evolução como um desenvolvimento qualitativo. A evolução enquanto uma dinâmica de movimento - assim como a revolução - não são intrinsecamente positivas ou negativas. Tanto uma quanto a outra podem resultar em *progresso* ou *retrocesso*, que formam outra polaridade chave no pensamento reclusiano. É do choque e da interação dos diversos elementos em ação que formam um quadro de progresso - caracterizado pelo grau de liberdade individual e de igualdade social, condicionado pelo quanto que os indivíduos trabalham em prol do coletivo, usufruem os frutos deste trabalho e participam da decisão dos rumos da sociedade - ou de retrocesso - formado pelo grau de desigualdade social, econômica e política e de dominação e exploração que um grupo social exerce sobre o restante da sociedade. Desse modo, Reclus afirma: “a humanidade se forma e se altera com suas alternâncias de progressos, retrocessos e de estados mistos, cada uma das quais contribui de maneira diversa a modelar, a constituir e reconstituir a raça humana.”²⁶

É preciso fazer três considerações. Em primeiro lugar, os “progressos, retrocessos, estados mistos” são vistos por Reclus como conjunturas complexas, em que os períodos de progresso contém em si também elementos de retrocesso e vice-versa, e o que os caracteriza é o equilíbrio dos elementos pender pra um para o outro. Dessa forma, a partir de um período de progresso e de retrocesso pode surgir um contexto oposto, tudo a depender do equilíbrio de forças existentes.

A segunda consideração é que Reclus, assim como faz com sua ideia de Evolução, ele se apropria do conceito de Progresso, muito difundido em seu tempo, e o ressignifica. Para o autor, o progresso não é um dado natural e já determinado, como muitos autores de seu tempo pensavam, mas sim uma construção social no espaço e no tempo dependente da ação dos indivíduos.

geografia libertária de Élisée Reclus, in: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n° 51, 2006, p. 11-24.

²⁶ RECLUS, Eliseo. *El hombre y la tierra*. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s/d. Tomo I, p. 108.

Por último, a “alternâncias de progressos, retrocessos e de estados mistos” não é vista por Reclus nem como um processo linear e nem como uma concepção cíclica da História. Esta última ideia era defendida pelo filósofo Giambattista Vico, o qual Élisée Reclus faz referência ao tratar da sua ideia de progresso e retrocesso, mas o critica quando Vico defende um ciclo da História:

[...] é evidente que não é possível citar nenhum período na história que se reproduziu do mesmo modo que outro período: as condições geográficas, econômicas, políticas e sociais podem demonstrar certas semelhanças notáveis, mas o conjunto da situação apresenta também diferenças essenciais, procedentes das ações e das reações que se produziram ao infinito no imenso organismo da Humanidade.²⁷

Desse modo, em oposição a um mero vaivém de um hipotético ciclo da História, Reclus propõe que o curso da História segue a uma “espiral”, com formas pouco geométricas, pois os progressos e os retrocessos interferem constantemente na sua curvatura. Enquanto os progressos aumentam a curva, assim fazendo a humanidade dar maiores avanços e se distanciando dos períodos antecedentes, os retrocessos diminuem a curva, retardando o progresso e mantendo a humanidade próxima do seu passado.

Em suma, podemos afirmar que a concepção de História presente no pensamento reclusiano tem como base a complexidade e suas “leis” e gira em torno dos seguintes binômios: Natureza e Sociedade; meio-espço e meio-tempo (Geografia e História); Indivíduo e Coletivo; Evolução e Revolução; Progresso e Retrocesso. Acreditamos que estes binômios podem ser caracterizados como pares dialéticos porém, o pensamento dialético de Reclus é peculiar frente a outros autores do século XIX, ressaltando ainda mais a originalidade de Élisée Reclus no seu tempo. Como afirma Philippe Pelletier:

A dialética reclusiana distingue-se da dialética clássica dos contrários, que se opõem e excluem-se, e da dialética hegeliano-marxista em que os dois termos dos contrários resolvem-se que é aquele da síntese. Ela coloca os termos contraditórios simultaneamente em oposição e em combinação; por exemplo: autoridade e liberdade, igualdade e liberdade. Ela forma pares de tensão e de composição, antinomias, sem síntese que evoluem em balanceamento (Proudhon) ou em equilíbrio instável. Essa dialética é muito próxima da

²⁷ Idem, p. 322.

concepção desenvolvida pelo mundo sinizado com o famoso binômio do yin e do yang.²⁸

Élisée Reclus e a escrita da História

Reclus também refletiu sobre a escrita da História. Apesar de serem breves páginas dedicadas ao tema em *O Homem e a Terra*, o autor propõe pensar sobre as várias noções de história que se desenvolveram no decorrer do tempo. Afirma que “cada fase da sociedade corresponde uma concepção particular da História” exemplificando através da teocracia, com seus historiadores que explicam tudo à luz da intervenção divina; da monarquia, que tem seus escritores que narram a história a partir do ponto de vista do soberano, com seu legítimo poder sobre a “humanidade súdita”; e, por fim, a burguesia, com seus “intérpretes especiais que veem pelos olhos, ouvem pelos ouvidos, pensam conforme os interesses e os preconceitos de seus mestres.” Assim, Reclus conclui: “Por fim, cada nação, cada cidade, cada pequeno clã de civilizados, cada instituição se faz representar na História por uma imagem concebida conforme seu próprio ponto de vista, colocando atrás de si todo o resto do mundo.”²⁹

Porém, para o autor, não basta apenas apontar a parcialidade dos historiadores e os interesses que regem sua escrita. A História escrita por eles se fixou e criou raízes nas mentes das pessoas. Acrescenta o autor:

Sem falar das narrações bíblicas, reconhecidas por todos como mitos, mas ainda contadas nas escolas sob a mesma forma que os acontecimentos verdadeiros não será verdade que o ensino da história conservou seu caráter autoritário e despótico? Os personagens dominantes, diante dos quais se faz desfilar os séculos, são os homens funestos que suscitaram o ódio entre os povos e buscaram sua glória no confronto e no esmagamento dos exércitos.³⁰

A História na qual os heróis seguem sendo os Alexandres, os Césares e os Napoleões é reflexo de um projeto político da classe dominante. Desta maneira, para os

²⁸ PELLETIER, Phillippe. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus. In.: COELHO, Plínio Augusto (org. e trad.). *Élisée Reclus e a geografia das liberdades*. São Paulo: Editora Imaginário, 2011, pp. 99-100.

²⁹ RECLUS, Eliseo. *El hombre y la tierra*. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s/d. Tomo I, p. 329.

³⁰ Idem, p. 329-330.

historiadores engajados em um projeto de transformação radical da sociedade, não basta denunciar esta História, mas sim superá-la com um outro projeto de escrita da História. Afirma Reclus: “a tarefa por excelência dos escritores que assumem um ponto de vista verdadeiramente humano, superior a todos os ódios de raças, de nações e de partidos” é escrever uma História que

não se apega a um único povo, [...] nem a única classe, como a maioria das obras colocadas até hoje nas mãos das crianças e dos jovens. Ao estudar a humanidade inteira em sua massa profunda, ao comparar o desenvolvimento sucessivo, paralelo ou entrecruzado dos povos, com seus mitos, seus interesses, suas paixões, ela refaz o mundo com vistas ao bem de todos.³¹

Reclus, tomando por base novamente as formulações de Vico, afirma que a História teve três fases: a dos Deuses, dos Heróis e dos Homens. Apesar dos lamentos de alguns reacionários melosos, instaurou-se a era dos Homens. O projeto de escrita da História por ele defendido insere-se nesta fase e faz parte do projeto que soterrará os resquícios deixados pelas fases anteriores, anunciando a vinda de um novo tempo. Em suma, o projeto reclusiano de escrita da História – tendo por base a iconoclastia (uma História sem Heróis) e uma perspectiva descentralizada, sem partir do ponto de vista de um povo, uma nação ou até de uma classe, para assim abarcar toda a humanidade – encontra-se ligado a um projeto maior, que é a renovação da sociedade.

Podemos questionar o otimismo exagerado do autor, ao enxergar a “idade dos Deuses e dos Heróis” como etapas ultrapassadas, porém, acreditamos que vale ressaltar a atenção de Reclus para a relação entre escrita da História e a ideologia das classes dominantes. Toda classe dominante constitui uma ideologia que legitima sua posição no corpo social, e dentro dessa ideologia há a criação de uma narrativa histórica. Ao destacar esta relação, Reclus parece adiantar a frase famosa de George Orwell: “quem controla o presente, controla o passado.”³² O inverso também vale: se queremos construir um contra-projeto de sociedade, é necessário uma contra-história, que se oponha frontalmente aos valores da história hegemônica e que, através da sua escrita, carregue o germe da nova sociedade que deseja construir.

³¹ Ibidem, p. 330.

³² ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 36.

Portanto, Élisée Reclus, ao refletir sobre a escrita da História, aponta o elo entre a ciência e política, tanto para o lado dos conservadores quanto dos revolucionários. Esta reflexão faz parte de uma crítica mais ampla do autor, que retira o caráter de neutralidade da ciência, marcando que o fazer científico relaciona-se com interesses políticos e implica em consequências éticas e sociais³³. Assim, Reclus estabelece a ligação entre o saber e o poder e, neste ponto, a sua vida pode ser considerada como próprio exemplo do seu pensamento.

³³ Na obra de Reclus, é possível encontrar diversas críticas ao uso da tecnologia e da ciência a serviço da exploração econômica e da dominação política, resultando na destruição da natureza – em RECLUS, Élisée. – e na modernização da tecnologia bélica, como pode ser visto neste trecho: “É assim que, no exército, empregam-se novos engenhos, pólvoras sem fumaça, canhões giratórios, com amortecedores de mola, invenções que só servem para matar mais rapidamente.” RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002, p.84.

Referências Bibliográficas

- AHAGON, Vitor. *Anselmo Lorenzo e a tensão indivíduo e sociedade: Uma perspectiva anarquista*. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo, São Paulo, 11 a 14 de novembro de 2013.
- ANDRADE, Manuel Correia de (org.). *Élisée Reclus*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, volume 49. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- BAKUNINE, Mikhail. *O conceito de liberdade*. Porto: Edições Rés, 1975.
- COELHO, Plínio Augusto (org. e trad.). *Élisée Reclus e a geografia das liberdades*. São Paulo: Editora Imaginário, 2011.
- DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus, in: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n° 51, 2006, p. 11-24.
- FERRETTI, Federico. *Evolução e Revolução: os geógrafos anarquistas entre a ciência e a militância*. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo, São Paulo, 11 a 14 de novembro de 2013.
- KROPOTKIN, Piotr et al. *Élisée Reclus: Retratos de um anarquista*. São Paulo/Santo André: Biblioteca Terra Livre/Edições Negras Tormentas, 2011.
- MIYAHIRO, Marcelo. *A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República*. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 09 a 12 de Novembro de 2009. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- PALACIOS, David Alejandro Ramirez. *Élisée Reclus e a geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção*. Dissertação de mestrado defendida na FFLCH-USP em 22/09/2010. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- RECLUS, Elias. *Los Primitivos*. Buenos Aires: Editorial Semca, 1946.
- RECLUS, Élisée. La Sicile et l'éruption de l'Etna em 1865: récit de Voyage. *Le tour du monde*, n° 388. Paris: Librairie Hachette, 1866.
- _____. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.
- _____. *Da ação humana na geografia física / Geografia Comparada no Espaço e no Tempo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2009.

_____. *As repúblicas da América do Sul. Suas guerras e seu projeto de federação*. São Paulo: Editora Imaginário, 2011.

RECLUS, Eliseo. *El hombre y la tierra*. Tomo I. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s/d.

SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

VIEIRA, J. M. G. *A evolução anarquista em Portugal*. Lisboa: Seara Nova, 1975.